

Especialistas analisam queda da UFRJ em ranking britânico. Universidade perdeu sete posições em apenas dois anos

FERNANDA DA ESCÓSSIA
fernanda@adufjrj.org.br

Um dos rankings universitários mais prestigiados do mundo, o THE (*Times Higher Education*) mostrou a UFRJ fora das dez melhores universidades latino-americanas. É a primeira vez que isso acontece. A UFRJ era a 5ª do ranking em 2016, caindo para a 8ª colocação em 2017 e para a 12ª este ano, segundo dados divulgados na semana passada. Para tentar entender o fenômeno, que preocupa a comunidade universitária, o **Boletim da Adufrj** analisou os números, olhou outras publicações do gênero, ouviu especialistas e professores da UFRJ.

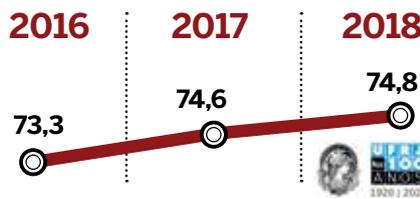
A primeira coisa a dizer é: a UFRJ não piorou. A nota da universidade foi 74,8, quase a mesma de 2017 (74,6) e maior que os 73,3 que garantiram o 5º lugar de 2016. A nota segue estável, com ligeira elevação.

Mas, para decifrar rankings, é preciso olhar o desempenho individual e o do conjunto. Num setor a cada dia mais competitivo, ser estável não garante posição, e outras universidades avançaram mais. Em 2016, só as três primeiras tinham pontuação acima de 80; em 2018, as sete primeiras superavam essa marca. A PUC-Rio, 6ª em 2016, com 70,5

POSIÇÃO DA UFRJ NO RANKING*



NOTAS DA UFRJ*



NOTAS DETALHADAS DA UFRJ*

	2016	2017	2018
GERAL	73,3	74,6	74,8
CITAÇÕES	55,8	61,1	66,4
INDÚSTRIA	47,8	55,9	39,8
INTERNACIONAL	52,7	46,2	46,3
PESQUISA	78,8	81,2	86,9
ENSINO	84,7	87,0	83,4

FONTE: THE - 2018 WORLD UNIVERSITY RANKINGS
*NA AMÉRICA LATINA.

pontos, foi a 7ª em 2018, com 80 pontos. Na comparação entre as federais, Unifesp, UFMG e UFRGS melhoraram suas notas e superaram a UFRJ. Unicamp e USP, com mais de 85 pontos, se revezam na ponta.

CRITÉRIOS PARA NOTA

O ranking THE tem credibilidade internacional consolidada, segundo especialistas ouvidos pelo **Boletim da Adufrj**. Analisa tanto indicadores subjetivos (reputação e prestígio), como objetivos, tais como publicações e pesquisa. As notas são distribuídas em cinco eixos: ensino (36%), pesquisa (34%), citações (20%), perspectiva internacional (7,5%) e renda da relação com a indústria (2,5%).

Em 2018, as notas da UFRJ cresceram em pesquisa e citações e se mantiveram estáveis em internacionalização (embora menores que em 2016). Houve

AS 12 MELHORES*

	2016	2017	2018
1º	84,6 USP	87,9 Unicamp	86,5 Unicamp
2º	83,7 Unicamp	87,5 USP	86,0 USP
3º	80,2 PUC Chile	85,7 PUC Chile	85,7 PUC Chile
4º	75,4 Un. Chile	81,1 Un. Chile	83,6 Unifesp
5º	73,3 UFRJ	77,7 Un. Andes	82,4 I. Tec. Monterrey
6º	70,5 PUC RJ	77,4 I. Tec. Monterrey	81,5 Un. Chile
7º	69,6 UFMG	76,7 Unifesp	80,0 PUC RJ
8º	68,3 I. Tec. Monterrey	74,6 UFRJ	79,8 Un. Andes COL
9º	68,1 Un. Aut. México	74,1 PUC RJ	78,2 UFMG
10º	67,2 Un. Andes COL	73,3 Un. Aut. México	78,1 UFRGS
11º	64,0 Unesp	73,1 UFMG	76,8 Unesp
12º	61,9 UFSC	71,8 Unesp	74,8 UFRJ

uma pequena queda em ensino e uma redução maior na transferência de conhecimento para indústrias.

“Rankings não são absolutos, mas é preciso saber o que houve. Não tenho clareza. Talvez possamos criar uma comissão para analisar isso”, afirma Luiz Pinguelli Rosa, professor e diretor de Relações Institucionais da Coppe.

A diretora da Escola Politécnica, Claudia Morgado, considera que cada universidade tem seus pontos fortes. “Públicas são diferentes das particulares, e grandes são diferentes das pequenas”, pondera. Por outro lado, diz a docente, é bom ser avaliado para saber o que pode melhorar. “Também é preciso saber se a UFRJ forneceu adequadamente os dados solicitados”, lembra.

Continua na página 2

POR QUE

CAÍMOS

POR QUE CAÍMOS

Continuação da capa

> Especialistas destacam importância de gestão inovadora frente à crise e foco em internacionalização

Para especialistas em avaliação, é consenso que a UFRJ precisa estar atenta a temas como inovação e internacionalização – decisivas numa área de grande competição como a universidade. É o que destaca a professora do IFCS Maria Celina de Oliveira Barbosa, coordenadora do Lapes, Laboratório de Pesquisa em Ensino Superior, formado por pesquisadores de vários estados. Segundo ela, a internacionalização não é tratada como deveria, o que prejudica contratos e projetos. “Ficar parado na nota, quando todos competem para melhorar, não é uma coisa boa”, afirma. A docente associa a queda no quesito renda da indústria à crise da Petrobras, com quem a UFRJ tem parcerias variadas.

Criador da Rankingtacs – Rede Brasileira de Pesquisa em Rankings, Índices e Tabelas Classificatórias na Educação Superior –, Adolfo Ignacio Calderón diz que a UFRJ se mantém como uma universidade de alta qualidade, com problemas proporcionais a seu tamanho, modelo de financiamento e gestão padronizada. “Em tempos de restrições orçamentárias,

é premente maior eficiência na utilização dos recursos, diversificar fontes de financiamento e construir uma cultura empreendedora na captação de recursos e prestação de serviços”, avalia Calderón, professor da PUC-Campinas. Segundo ele, universidades estrangeiras estão oferecendo serviços no Brasil, enquanto as nossas não se inserem de modo agressivo na economia do conhecimento.

Existem cerca de 60 rankings nacionais e mais de 20 internacionais. A posição da UFRJ varia em cada um deles. No QS, britânico, ela está em 7ª na América Latina. No ARWU, chinês, entre as 400 primeiras em todo o mundo. No RUF, realizado pela “Folha de S.Paulo” com universidades brasileiras, a UFRJ está em 1º. Para Sabine Righetti, coordenadora do RUF e professora de Gestão Pública da FGV-SP, os rankings têm pela frente o desafio de incorporar critérios novos, como diversidade. Ela lembra que as universidades brasileiras dominam rankings latino-americanos, mas estão longe do topo nos internacionais.

A UFRJ informou que repassou dados ao THE e que a Pró-Reitoria de Pós-Graduação analisará os resultados. Destacou que, mesmo com redução expressiva de verbas, seus pesquisadores venceram prêmios e houve melhora de indicadores relevantes, como o aumento de 25% da produção intelectual.

que Queremos”, que reúne pontos a serem debatidos com presidenciais e candidatos ao Legislativo. “A ideia é que essas proposições sirvam de parâmetro para discussões”, explicou o presidente da SBPC, Ildeu de Castro Moreira. Ele lamentou o corte de recursos e citou como exemplo as pesquisas sobre a relação entre Zika e a microcefalia, que hoje correm risco de estagnação. Na abertura do encontro, no domingo, o ministro da Educação, Rossieli Soares, foi vaiado. Na sessão comemorativa dos 70 anos da SBPC, segunda-feira (23), o físico Sergio Mascarenhas questionou o ministro da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, Gilberto Kassab: “O senhor falou que a inovação

está crescendo, mas ela está sendo destruída. Seria maravilhoso se Vossa Excelência fosse o herói que poria fim à destruição do setor”. Para o professor Felipe Rosa, diretor da Adufrj que participa do evento, o diferencial é a reflexão sobre a redução orçamentária: “Mesmo em palestras em que esse não é o assunto central, o cenário de cortes aparece como principal fonte de preocupação”. A SBPC homenageou Elisaldo Carlini, professor da Unifesp que estuda uso medicinal da maconha e foi acusado de apologia às drogas. Os outros homenageados foram o físico José Leite Lopes, a psiquiatra alagoana Nise da Silveira e a socióloga Ana Maria Fernandes, os três já falecidos.

Consuni debate contrato com BNDES

> Conselheiros da UFRJ criticam reitoria por manter em sigilo negociação com o banco

KELVIN MELO

kelvin@adufjrj.org.br

A assinatura do contrato entre a UFRJ e o BNDES para gestão do patrimônio da universidade foi o principal tema do último Consuni, dia 19. Conselheiros criticaram o fato de o acordo ter sido preparado durante mais de um ano sem ser discutido pela comunidade acadêmica. “Não sei o que poderíamos ter perdido se tivéssemos feito este debate aqui antes”, disse a estudante Thaís Zacharia.

Sara Granemann, da Escola de Serviço Social, criticou a opção pela consultoria do BNDES: “É acertado investir em assistência estudantil, um espaço cultural público e infraestrutura. Mas não é alvissareira a abertura mais explícita da relação da universidade com o mercado”, afirmou. “Só é admissível com muitas condicionalidades”, completou.

Um dos integrantes do grupo de



PAINEL DE ZIRALDO Obra de arte do cartunista está abandonada nas paredes do antigo Canecão

trabalho que assessorou a reitoria na negociação com o banco, o professor Vicente Ferreira, do Instituto Coppead-UFRJ, explicou que qualquer vazamento de informação poderia comprometer a validade da licitação: “A melhor forma de a universidade aproveitar seus recursos é gerar o máximo de competição entre investidores. É importante que a divulgação das informações ao mercado se dê no mesmo instante”, completou.

O contrato tem como objetivo avaliar ativos imobiliários da UFRJ e preparar um modelo de exploração econômica dos espaços “O que estamos tratando é de uma consultoria. Ao contrário do que saiu em alguns meios de comunicação, não estamos decidindo nada sobre cessão de área A, B ou C”, afirmou o reitor Roberto Leher.

O aviso da licitação da consultoria foi divulgado no Diário Oficial da União, dia 16. A sessão pública para apresentação das propostas dos interessados será em 7 de agosto. Conforme infor-

mou o **Boletim da Adufrj**, os recursos provenientes de eventuais concessões deverão ser devolvidos à universidade em contrapartidas, como obras ou serviços de infraestrutura acadêmica e assistência estudantil.

Ericksson Almendra, professor da Coppe, disse que entendia a preferência pelas contrapartidas em vez de dinheiro — hoje, a verba das concessões feitas pela UFRJ é recolhida ao Tesouro Nacional e, se não houver autorização orçamentária do governo, não retorna para a universidade. Mas observou que a contrapartida em obras não favorece a gestão: “Teríamos mais flexibilidade se trocássemos por recursos financeiros”.

Questionado sobre a participação dos colegiados superiores nos desdobramentos da licitação, Leher respondeu: “Toda decisão será tomada por este conselho e pelo Conselho de Curadores”. Ele não disse quanto espera arrecadar com a iniciativa, mas deixou claro que acredita em um valor significativo: “Estes ativos valem muito”.

SBPC CRITICA CORTES E COBRAÇÃO POLÍTICA

■ O dramático impacto dos cortes orçamentários e as cobranças aos políticos deram o tom dos debates da 70ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, que acontece até sábado em Maceió. Houve sessões com candidatos ao Planalto ou seus representantes. Na quarta, Rafael Resende, ministro de Ciência e Tecnologia no governo Lula, representou o petista, que está preso. Para hoje eram esperadas participações, por vídeo, de Marina Silva e Geraldo Alckmin. Foi lançada a publicação “Políticas Públicas Para o Brasil

UFRJ EM TORNEIO DE ROBÓTICA NOS EUA

■ A UFRJ Nautilus, equipe de robótica submarina, representará o Brasil na maior competição internacional de automação naval: a Robosub, em agosto, nos Estados Unidos. No torneio, robôs submarinos autônomos (AUVs) desenvolvidos por 47 instituições de ensino executarão provas de processamento de imagem, manipulação de objetos e lançamento de torpedos. Será a segunda participação da Nautilus, que em 2016 se tornou a primeira equipe da América Latina na disputa. As provas serão num tanque da Marinha ameri-



ROBÔ da equipe Nautilus: funções variadas

cana. Nosso competidor no tanque é o robô BrHUE, controlado por inteligência artificial e fabricado nos laboratórios da UFRJ, ao custo de R\$ 50 mil, com apoio de empresas parceiras. Os AUVs executam tarefas variadas. Podem

medir a concentração de coliformes fecais na Baía de Guanabara, reparar plataformas de petróleo e analisar correntes submarinas. “Ele pode ficar durante meses, 24h por dia, coletando dados de forma muito precisa”, afirma Willian Xavier, coordenador da Nautilus e aluno de Engenharia Naval. Cláudio Baraúna, professor da Engenharia Naval e orientador da Nautilus, ressalta a altíssima tecnologia do robô, primeiro AUV criado no Brasil em nível universitário. A equipe da UFRJ tem 30 alunos de diversos cursos, de engenharia a relações internacionais, e 13 deles viajarão. Uma campanha de financiamento arrecadou R\$ 43 mil para ajudar a cobrir os gastos da viagem. **(Gabriel Nacif Paes)**



FOTOS: ANA BEATRIZ MAGNO



DESOLAÇÃO Moradores acompanharam a ação dos agentes federais que recolheram todos os pertencentes das famílias e comerciantes da área do Mangue

Tristeza e revolta na desocupação do Mangue

UFRJ pediu à Justiça retirada de moradores e comércio. Famílias estavam ali desde anos 20

SILVANA SÁ

silvana@adufjrj.org.br

Oito famílias com cerca de 50 pessoas, moradoras da Praia do Mangue, no Fundão, tiveram que abandonar suas casas e pequenos comércios na manhã da última quinta-feira. A UFRJ pediu à Justiça a reintegração de posse da área, centro de uma contenda jurídica desde 1996. Seis oficiais de Justiça e 18 agentes da Polícia Federal participaram da ação. Desesperados, os moradores tentaram negociar um adiamento da retirada. Sem sucesso. Os pertences foram levados para um depósito próximo ao alojamento estudantil. Havia a ameaça

da demolição das casas.

Estudantes, técnicos e professores acompanharam a movimentação e buscaram intermediar o conflito. A Adufrj esteve presente para buscar uma saída mais humana para os moradores.

A história de muitas famílias é mais antiga que a criação da Cidade Universitária. João Batista da Silva conta que seu pai construiu uma casa no local em 1928. “Estamos aqui muito antes de existir a UFRJ aqui. Essa era a Ilha do Bom Jesus”, lembrou o comerciante e servidor aposentado. “Vivo aqui desde que nasci. Sou fundador da Prefeitura Universitária, e é justamente ela que está me expulsando”, contou emocionado.

Os moradores chegaram a criar um

projeto de financiamento coletivo para a construção de casas legalizadas na Vila Residencial, dentro da Cidade Universitária, mas em outro local. Não houve tempo, porém, para iniciar a captação dos recursos. “O acordo com a reitoria era que migraríamos para a Vila Residencial assim que as novas casas ficassem prontas. Não esperávamos essa reintegração hoje”, lamentou Mario Luiz Tosta, liderança local.

Técnicos da Diseg e da PR-6 (Pró-Reitoria de Gestão e Patrimônio) acompanharam a operação. Por nota, a reitoria informou que o cumprimento do mandado se deu por conta da permanência de comércio de bebida e que assistentes sociais da Prefeitura do Rio teriam oferecido abrigo a quem não tivesse para onde ir. “A reitoria não esteve aqui oferecendo nada. Estão nos expulsando como cachorros”, afirmou Valéria Cristina Nery da Silva, moradora há 50 anos.

Às 16h30 o fornecimento de energia elétrica foi cortado e a Polícia Federal começou uma negociação com os estudantes para que deixassem o terreno. Depois da pressão do movimento estudantil e de docentes, a reitoria mudou de posição e decidiu não derrubar os imóveis. Estudantes e moradores permaneceram em vigília no lugar. Não houve confronto. Até o fechamento desta edição, as casas seguiam desocupadas.

NOTA

PLANO DE SAÚDE

■ Uma boa notícia para os professores com mais de 75 anos que sofreram reajuste de 42,5% no plano Unimed: após a Adufrj anunciar que ingressaria na Justiça contra o aumento abusivo, a administradora de benefícios informou que conseguirá a migração dos docentes para outra apólice da mesma empresa, com

valores menores. A mudança, porém, só seria viabilizada em setembro para quem fizer a opção até 15 de agosto. A assessoria jurídica da Seção Sindical vai aguardar a confirmação do desconto; caso contrário, vai orientar os docentes a entrar com a ação na Justiça. A migração ou a ação judicial não são ini-

ciativas automáticas: é importante que todos os prejudicados pelo reajuste de 42,5% falem com a Adufrj (3884-0701 ou 2260-6368) e com o corretor Miguel Gomes (98463-0886). Se necessário, será marcado mais um plantão jurídico especial para esclarecimentos. A Seção Sindical continua em busca de planos mais vantajosos para os professores. **(Kelvin Melo)**